

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2022-09-02

Deposited version:

Accepted Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Sousa, J. C. & Lopes, P. (2021). Redes sociais online, exposição digital e cyberbullying: perfis de vulnerabilidade de universitários de Cabo Verde. In Javier Sierra Sánchez, Almudena Barrientos (Ed.), *Cosmovisión de la comunicación en redes sociales en la era postdigital*. (pp. 573-594). Madrid: McGraw-Hill Interamericana de España.

Further information on publisher's website:

<https://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=793920>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Sousa, J. C. & Lopes, P. (2021). Redes sociais online, exposição digital e cyberbullying: perfis de vulnerabilidade de universitários de Cabo Verde. In Javier Sierra Sánchez, Almudena Barrientos (Ed.), *Cosmovisión de la comunicación en redes sociales en la era postdigital*. (pp. 573-594). Madrid: McGraw-Hill Interamericana de España.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

Redes sociais online, exposição digital e *cyberbullying*: Perfis de vulnerabilidade de universitários de Cabo Verde

João Carlos Sousa. Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL)/CIES-IUL e NIP-C@M, Lisboa, Portugal

Paula Lopes. Universidade Autónoma de Lisboa (UAL)/CECS-UM/NIP-C@M, Lisboa, Portugal

Resumo

Não sendo fenómeno recente, o *bullying* adquiriu novos contornos com o aparecimento e a multiplicação de *media* sociais, em particular redes sociais *online*, sua massificada utilização, popularidade e (não raras vezes) uso acrítico, especialmente pelos mais jovens. Estas plataformas de produção e distribuição de conteúdos alimentam-se da exposição dos seus utilizadores, dos dados que estes lhes oferecem, da pegada digital que aí imprimem - e que as empresas tecnológicas comercializam. É, portanto, lícito assumir que quanto maior a exposição nas redes sociais *online*, maior a possibilidade de riscos e danos, como o *cyberbullying*. Nesta comunicação, pretendemos contribuir para colmatar uma lacuna: revelar as práticas, riscos e danos digitais de jovens universitários de Cabo Verde. A partir da aplicação de um inquérito por questionário a mais de duas centenas de universitários procurou-se perceber como é feita a gestão das redes sociais *online* e como esta impacta no contacto com situações de *cyberbullying* entre os inquiridos e os seus contactos mais próximos.

Palavras-chave: *cyberbullying*; redes sociais *online*; Cabo Verde; juventude; vulnerabilidade digital

Online social networks, digital exposure and *cyberbullying*: Vulnerability profiles of university students from Cape Verde

Summary

Not being a recent phenomenon, bullying has taken on new shapes with the emergence and multiplication of social media, in particular online social networks, its widespread use, popularity and (often) uncritical use, especially by young people. These content production and distribution platforms feed on the exposure of their users, on the data they offer them, on the digital footprint they print there - and that technological companies sell. It is, therefore, lawful to assume that the greater exposure on online social networks, the greater the possibility of risks and damages, such as *cyberbullying*. In this communication, we intend to contribute to fill a gap: to reveal the practices, risks and digital damages of young university students from Cape Verde. From the application of a questionnaire survey to more than two hundred university students, it was sought to understand how the management of online social networks is made and how it impacts on contact with *cyberbullying* situations between the respondents and their closest contacts.

Keywords: *cyberbullying*; online social networks; Cape Verde; youth; digital vulnerability

1. Introdução

A condição idiossincrática de Cabo Verde não se circunscreve a aspetos geográficos e geológicos. O arquipélago, historicamente colocado numa posição entre os continentes europeu e africano, pode desempenhar papel charneira no processo de digitalização de África, constituindo-se como interface entre dois blocos económicos, tecnológicos e com fortes laços culturais. Esta condição mediadora de Cabo Verde está bem plasmada no incremento das tecnologias de comunicação e informação.

De acordo com a Agência Reguladora Multissetorial da Economia (ARME), Cabo Verde tinha, no início de 2019, uma penetração de internet a cifrar-se nos 48%, o que se traduz em mais 12 pontos percentuais relativamente à média do computo dos estados africanos.

Dados mais otimistas são revelados pelo Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde, no documento “Acesso e Utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação”, de junho de 2019, que refere que a proporção de agregados familiares com acesso à internet ascendia aos 2/3 da população (70,1%). A nível estritamente nacional e considerando dados de 2014, a subida na cobertura de internet nas famílias cresceu em cerca de 34,8 p.p. ao longo de meia década. Este dado é particularmente revelador, quando 93,8% dos utilizadores de internet diz fazer este uso privilegiando a própria casa. Outro dado a ter em conta: 58,2% admitem ter utilizado internet nos últimos três meses.

Em termos sociodemográficos, no mesmo documento, constata-se que os grupos etários mais novos, compreendidos entre os 15 e os 34 anos, apresentam taxas de utilização diária de internet entre os 80,0% e os 77,0%. Proporcionalmente são os homens, com 59,4%, quem mais utiliza a internet, ficando o sexo feminino pelos 56,9%, diferença percentual que, no entanto, não se revela significativa. A nível nacional, 71,6% da população admite utilizar a internet diariamente. Quase 1/3 da população (31,3%) declara passar entre uma a cinco horas diariamente na internet, sendo que 1/4 o fazem entre cinco e dez horas.

No que se refere aos dispositivos utilizados, o telemóvel é o preferido entre a população cabo-verdiana ao cifrar-se em 96,7%, sendo que 22,8% dizem fazê-lo via computador pessoal.

Em traços gerais, o processo que comumente se designa por “transição digital” apresenta passos substantivos em Cabo Verde, sobretudo se considerado o contexto africano mais amplo.

Na exposição e na demonstração que agora se seguem, pretendemos desenvolver uma reflexão em torno das práticas digitais dos jovens universitários de Cabo Verde e o modo como estes gerem riscos e danos de práticas de *cyberbullying*. Deste modo, pretendemos aportar conhecimento sobre práticas de *cyberbullying* e, com isso, contribuir para a sua mitigação, nomeadamente a nível da implementação de políticas públicas e de educação para os *media* digitais.

1.1. Teoria

O *cyberbullying*, não sendo fenómeno novo, adquiriu novos contornos com a multiplicação de plataformas *online*, que se alimentam da exposição dos seus utilizadores. Se as redes sociais *online* têm inúmeras vantagens, entre elas o facto de colocarem em contacto atores fisicamente distanciados – como foi necessário e relevante no contexto mais atual da pandemia de COVID-19 – (António, 2020; Pereira, Ponte & Elias, 2020), a apresentação e gestão nestas plataformas, e particularmente nas redes sociais *online*, têm o seu reverso no crescente descontrolo relativamente ao que é da esfera privada, num espaço público digital crescentemente desregulado e com poucas garantias (Prior & Sousa, 2014).

Nas sociedades contemporâneas, de intenso e rápido desenvolvimento tecnológico, as situações de *cyberbullying* estão a aumentar e a afetar indivíduos de diferentes grupos etários, género, classe social, raça e etnia. Por *cyberbullying*, entendemos o uso e a apropriação quotidiana das diferentes tecnologias de informação e comunicação que, de forma deliberada, repetida e hostil, são usadas de modo atingir um indivíduo ou um grupo com o objetivo de provocar dano físico ou moral (Belsey, 2004; Ansary, 2020).

Com efeito, é lícito assumir que o potencial de risco ou dano digitais envolve o uso e exposição nas redes sociais *online*, como o Facebook, o Instagram ou o Tumblr, entre outras. Esta asserção adquire ainda mais relevância quando considerados jovens adolescentes e jovens adultos. Sublinhe-se, no entanto, que não é pacífica a perceção de alguns jovens adultos e de grupos profissionais específicos que vivem numa espécie de paradoxo, uma vez que expressam recorrentemente atitudes conflituantes relativamente à presença e gestão da presença nos *media* sociais, e em particular nas redes sociais, mas que entram em contradição quando descrevem o intenso uso neste tipo de artefactos tecnológicos, quer na sua vida profissional, quer na gestão da sua esfera privada (Ricciardelli, Nackerud, Quinn, Sewell & Casiano, 2020).

São múltiplas e diversas as motivações para um ativo (e diário) uso dos *media* sociais (em rigor, redes sociais *online*). Throuvala, Griffiths, Rennoldson e Kuss (2019) chegaram a um conjunto de seis grandes focos de interesse para a população em geral e para os grupos etários mais jovens em particular, como os universitários: facilidade de estabelecimento de relacionamento com os pares; facilidade de uso e apropriação de tecnologia digital; regulador emocional; idealização e normalização do “eu” e do “ele”; comparação com os pares e validação do “ego”; facilitação do relacionamento e comunicação com os demais.

O uso de internet no quotidiano da população universitária pode ser considerado como massificado numa grande diversidade de países e contextos, ainda que nem sempre esta apropriação quotidiana se faça por razões estritamente escolares, mas sim num contexto de entretenimento (Morales Ramírez, Zacatenco Cruz, Luna Luna, García Lozano & Hidalgo Cortés, 2020). Nesse sentido, a abordagem do significado construído pelos jovens acerca dos novos *media* sociais e das redes sociais *online* pode (e deve) ser parte ativa das

medidas de intervenção e prevenção de riscos e danos, como o *cyberbullying* (Dennehy, *et al.* 2020).

Embora tenha ganho protagonismo nas últimas duas décadas, o *cyberbullying* não deixa de ser um derivado de práticas de violência, em particular em contexto escolar (Kwan & Skoric 2013). Deste ponto de vista, as conexões entre contexto presencial e digital são óbvias, na medida em que este último não deixa de fazer eco de aspetos sociais oriundos de estruturas de poder e dominação veiculadas em circunstâncias de interação física e não mediada.

A associação entre redes sociais *online* e vulnerabilidade digital está sobejamente documentada, nomeadamente no que ao Facebook diz respeito (Kwan & Skoric 2013). A demonstração empírica possibilita o estabelecimento não só de uma forte ligação entre o uso do Facebook relativamente à vitimização digital, como também permite verificar que esta depende da própria intensidade desse uso.

Em resultado, torna-se imperativo o desenvolvimento de ferramentas e mecanismos de deteção e combate ao *cyberbullying* (Talukder & Carburnar, 2017). A questão da educação para os *media* digitais e das competências de literacia mediática e digital assumem-se como charneira no efetivo combate ao *cyberbullying* em todas as suas vertentes, como a da já referida vitimização, estando este tipo de práticas associado ao uso *online* de conteúdos emocionais (Marín-López, Zych, Ortega-Ruiz, Hunter, & Llorent, 2020).

A vulnerabilidade digital pode também ser abordada do ponto de vista das relações de poder entre géneros (Matos, Vieira, Amado, Pessoa & Martins, 2018). No perspetivar das relações de género, diversos estudos (Wilson, Gosling, & Graham, 2012; Coelho & Romão, 2018; Ndyave & Kyobe, 2019) sugerem que as jovens estão mais próximas de situações de violência física e de formas de violência simbólica, entre as quais o *cyberbullying*, revelando-se, por exemplo, no uso abundante de *emojis*.

Assim, o *cyberbullying* é percebido como um grave problema sobretudo entre as mulheres e também entre a população universitária (Sobba, Paez & ten Bensele, 2017). Livazović e Ham (2019) concluíram que elas tendem a conversar e abordar este tema com maior frequência comparativamente aos seus congéneres masculinos. Contudo, não é um exclusivo dos elementos femininos. Lee e Chun, (2020) mencionam alguns dos impactos negativos do *cyberbullying* junto de um grupo de adolescentes do sexo masculino sul-coreanos: problemas internalizados e externalizados, complicações escolares, dificuldade de gestão da presença *online*, procura de apoio junto da rede de contatos próxima e isolamento. No fundo, como defende Tokunaga (2010), estamos perante um fenómeno com implicações não só ao nível psicossocial, mas também no plano afetivo.

Ao contrário da violência presencial, o *cyberbullying* distingue-se por um acesso constante às vítimas, em resultado das potencialidades do aparato tecnológico (Redmond, Lock & Smart, 2020), levando a um exponencial aumento tanto de

vítimas como de perpetradores de práticas de violência *online*, quebrando circunstancialismos de tempo e espaço.

As pesquisas neste domínio têm-se concentrado em cinco grandes eixos, em franco desenvolvimento na última década: mapeamento das características essenciais do *cyberbullying*; sensibilização e disseminação de informação para detenção de *cyberbullying* entre os diferentes atores; incremento estratégico por parte das instituições de ensino de combate ao *cyberbullying*; medição e impacto do *cyberbullying*; maior sensibilização dos professores para o *cyberbullying*. (Macaulay, Betts, Stiller & Kellezi, 2018).

Yoon, *et al.* (2019) levaram a cabo uma investigação concebendo cinco tipos de atores mediante a função desempenhada: sem envolvimento; apenas testemunha; testemunha e vítima; testemunha e perpetrador; testemunha, vítima e perpetrador. Também Sarmiento, Herrera-López e Zych (2019) descrevem a existência de outras tipologias de atores, como os cyber-espectadores, os defensores *online* e *offline* de cyber-vítimas, os colaboradores em práticas de *cyberbullying* e, finalmente, os intrusos. Por seu lado, também foi possível demonstrar que atitudes de maior reserva e defesa no espaço digital estão positivamente correlacionadas à autoeficácia, bem como a maiores níveis de empatia (Clark & Bussey, 2020). No plano das práticas *online*, Chen, Ho e Lwin, (2017) revelam que existem alguns preditores de potenciais vítimas de *cyberbullying* como os usos arriscados de tecnologias e plataformas *online*, a fluidez moral ou a tendência para o *bullying* tradicional.

No campo psicossocial, o *cyberbullying* apresenta associação a fatores como depressão ou tendência suicida, e a indicadores como disfuncionalidade familiar e pais com níveis de educação formal baixos (Chung, Sum & Chan, 2019). Mais genericamente, os comportamentos *online* encontram-se também fortemente associados ao poder vinculador da família e da realidade social e material que envolve os atores (Bai, Bai, Huang, Hsueh, & Wang, 2020). As emoções (e a construção social que lhe está subjacente) também demonstram ser influenciadas pela exposição a fenómenos de *cyberbullying*, permitindo a possibilidade rápida de deteção e intervenção por pais e especialistas (Cho, Lee, Peguero & Park, 2019; Balakrishnan, Khan & Arabnia, 2020).

Nesta linha de raciocínio, também Choi, Cho e Lee (2019) demonstraram a relação entre maior uso de plataformas digitais e maior número de casos de *cyberbullying*, para além de a divulgação de certas atividades de lazer e a exposição do estilo de vida nas redes sociais envolverem um maior risco e vulnerabilidade a potenciais situações de violência. Em rigor, sublinhe-se que a adição aos *media* sociais, e em particular às redes sociais, é um problema crescente entre os adolescentes (Van Ouytsel, Lu, Ponnet, Walrave & Temple 2019), implicando um processo de crescimento psicossocial com possíveis lacunas.

Ainda no campo das consequências, o *cyberbullying* pode assumir uma grande diversidade de expressões e manifestações. Por exemplo, Aizenkot (2020) analisou o WhatsApp, enquanto plataforma digital onde os jovens interagem, identificando quatro tipos de *cyberbullying*: ofensas verbais, processos de

exclusão, *bullying* visual e afastamento da participação, face ao medo e/ou a expressões de ódio.

Por fim, registre-se que o estabelecimento de interação direta com recurso a plataformas digitais é a situação mais estudada por investigadores que visam analisar este fenómeno do relacionamento íntimo *online* (Barrense-Dias, Berchtold, Surís & Akre, 2017; Rey, Ojeda, Casas, Mora-Merchán, & Elipe 2019; Symons, Ponnet, Walrave, & Heirman, 2018). Refira-se, ainda, que o *sexting* está associado à vitimização no *cyberbullying* (Van Ouytsel, Lu, Ponnet, Walrave & Temple, 2019).

2. Desenho e Método

2.1. Dados

Os dados são oriundos de um inquérito por questionário concebido por investigadores do Núcleo de Investigação em Práticas e Competências Mediáticas (NIP-C@M) do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Autónoma de Lisboa, a partir de uma leitura crítica de documentos oriundos de diversas fontes, como o Office of Communications (Ofcom), o OberCom - Portugal e a ONG SaferNet.

O questionário, com um total de 27 perguntas, foi aplicado a uma amostra de 349 alunos que frequentavam o ensino superior público na Universidade de Cabo Verde, no campus do Palmarejo (cidade da Praia), em 2018. As questões foram agrupadas em diversos eixos temáticos: caracterização social, demográfica e familiar; práticas digitais; riscos e vulnerabilidades na esfera digital. Para a construção deste capítulo, foram considerados os casos em que houve resposta a pelo menos uma das quatro questões relacionadas com *cyberbullying*, tendo sido validados 255 inquéritos. O questionário foi distribuído presencialmente e preenchido pelos próprios inquiridos.

2.2. Perguntas de investigação

P1 – Que associação existe entre o uso e frequência de redes sociais *online* e conhecimento de situações de *cyberbullying* entre os seus amigos e familiares?

P2 – Que associação existe entre o uso e frequência de redes sociais *online* e o contacto direto (na primeira pessoa) com situações de *cyberbullying*?

P3 – O tipo de gestão das definições de privacidade e a presença nas redes sociais estão associadas a uma maior proximidade percebida de fenómenos de *cyberbullying*?

2.2.1. Hipóteses de trabalho

H1 – Indivíduos com maior presença nas redes sociais *online* e uma gestão mais restritiva da sua presença revelam maior conhecimento de situações de *cyberbullying* na sua rede de amizade/familiar.

H2 – Indivíduos com maior presença nas redes sociais *online* e uma gestão mais restritiva da sua presença revelam maior conhecimento de situações de *cyberbullying* na primeira pessoa.

H3 – A presença e o tipo de gestão da presença feito nas redes sociais *online* está associada a uma maior perceção de situações de *cyberbullying*, seja na primeira pessoa, seja entre o círculo familiar e de amigos.

2.3. Construção do modelo de análise

Para se captar as diferentes disposições das usabilidades digitais juvenis, construiu-se um modelo operacionalizado por quatro indicadores: 1º) O que fazes na internet e com que frequência? - Participo em redes sociais; 2º) Tens perfil ou mais do que um perfil em alguma rede social; 3º) Definições de privacidade do teu perfil; 4º) Alteração das configurações de privacidade nas redes sociais (cf. Tabela 1).

Nota ainda para frisar o facto de que se procedeu à reconfiguração das escalas das variáveis em estudo, de forma a tornar a leitura e interpretação destas mais fácil e lógica. Por exemplo, na questão 12.2, relativa ao uso de redes sociais, transformou-se a variável de forma a que a maior média corresponda também a uma maior frequência de uso. Nesta senda, também se procedeu à transformação da escala que operacionaliza a questão 16, de forma a que a ela corresponda a uma gradação quantitativa relativa à maior ou menor presença em redes sociais. A questão 19 operacionaliza as definições de privacidade dos perfis dos inquiridos, correspondendo a estratégias de maior abertura ao longo da escala de mensuração que operacionaliza a questão. O indicador “não sei” passou a ser representado pelo valor 4, uma vez que corresponde a um total desconhecimento e desinteresse por “filtrar” quem tem acesso aos conteúdos partilhados. Na questão 21, procurou-se que a escala de operacionalização correspondesse a maiores níveis de despreocupação com a privacidade e controlo da audiência.

Tabela 1 – Distribuição das frequências relativas das variáveis

	Nº casos	%	
Q12.2 Com que frequência: participo nas redes sociais	Nunca	8	3,7
	Menos de uma vez por mês	14	6,5
	Todos os meses	14	6,5
	Todas as semanas	55	25,7
	Todos os dias	123	57,5
	Total	214	100
Q16 Tens perfil ou mais do que um perfil em alguma rede social	Não tenho	7	2,8
	Sim, tenho um perfil	184	72,4
	Sim, tenho mais do que um perfil	63	24,8
	Total	254	100

Q19 Definições de privacidade do teu perfil	Privado, só os meus amigos podem ver	31	12,3
	Parcialmente privado, só os meus amigos e os amigos dos meus amigos podem ver	84	33,3
	Público, Toda a gente pode ver	129	51,2
	Não sei	8	3,2
	Total	252	100
Q21 Alteração das configurações de privacidade nas redes sociais	Mudei para permitir que só os amigos vejam os meus conteúdos	110	43,5
	Mudei para permitir que toda a gente veja os meus conteúdos	30	11,9
	Tentei, mas é muito difícil	4	1,6
	Não sei fazer isso	17	6,7
	Nunca mudei	92	36,4
	Total	253	100

Fonte: Produção própria

Estes procedimentos de recodificação não têm qualquer impacto em termos substanciais na leitura dos dados recolhidos, apenas facilitam a sua legibilidade.

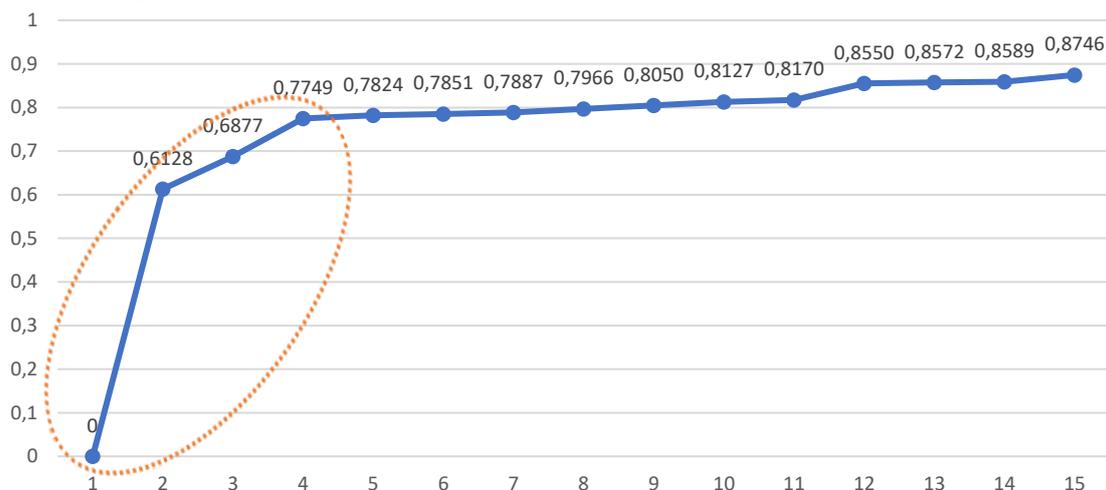
2.4. Análise hierárquica de *clusters*

Propomos a construção de um modelo assente numa análise de *clusters*, que nos permita identificar diferentes configurações de frequência e de práticas de privacidade nas redes sociais *online*. Interessa perceber agora como se agrupam os inquiridos mediante alguns dos seus rituais digitais.

Numa primeira abordagem, procedeu-se ao agrupamento hierárquico de *clusters* (Maroco, 2011). Neste sentido, fez-se uso do método agregativo *Between-groups linkage* e, uma vez que as três variáveis em estudo têm escalas de mensuração quantitativas, optou-se pela medida “squared euclidean distance”.

A opção por quatro *clusters* revelou-se profícua, em face dos resultados apresentados na Figura 1. Na nota de rodapé do *output* do SPSS é mencionado que os indivíduos foram atribuídos à primeira, não se observando uma variação significativa dos respetivos centróides. Para além disso, o modelo de quatro *clusters* garante a explicação de 77,49% ($R\text{-sq}=0,78$) da variância total. A passagem para cinco *clusters* adicionaria apenas mais um ponto percentual a este indicador.

Figura 1 – Cálculo da variância explicada por solução de *clusters*



Fonte: Produção própria

A observação atenta da Figura 1 revela que através do critério R-Quadrado procedeu-se à simulação da variância explicada pelas diversas soluções, isto é, desde apenas dois *clusters* até um total de 15. Neste sentido, percebe-se pela observação que a reta perde inclinação, tornando-se quase paralela ao eixo horizontal a partir da solução de quatro *clusters*, sendo que a própria diferença de variância explicada entre a solução quatro e cinco é muito menor, comparativamente à passagem da solução de três para quatro *clusters*.

2.5. Análise não-hierárquica de *clusters*

Procedemos à standardização das quatro variáveis, uma vez que existem diferenças na amplitude total o que, em última análise, atribui pesos equivalentes na ponderação final das distâncias que está na base da construção dos *clusters*.

Uma nota para referir que, à partida, não se definiu o número de *clusters* a obter, opção justificável por ainda se tratar de uma fase exploratória dos dados. Em termos práticos, esta opção implica que as quatro variáveis têm ponderações simétricas entre si na conceção do modelo, o que terá implicações na fase seguinte da construção metodológica.

Deste modo, procedeu-se ao cálculo da estatística de F no sentido de quantificar o peso de cada uma das quatro variáveis na construção e diferenciação dos *clusters* que categorizam os inquiridos e a apropriação que estes fazem das redes sociais *online*. A variável Q21, "alteração das configurações de privacidade nas redes sociais", regista um valor de $F=141,14$. As restantes variáveis registam 223,84, 0,8 e 9,63, para as questões 12, 16 e 19, respetivamente. Não obstante, ter-se-á de ter presente que as quatro variáveis que compõem o modelo construído têm escalas distintas.

Este efeito podia ser mitigado com a standardização das variáveis (variável centrada no valor da média). Contudo, não obstante esta particularidade interferir no cálculo do peso de cada variável na construção do modelo é contrabalançada

com o facto de as variáveis estarem construídas como indicadores que operacionalizam uma ordem crescente de maior uso e de menor preocupação com a privacidade e controlo da audiência nas redes sociais *online*. Daí a nossa opção pela não estandardização das variáveis.

3. Análise de dados

A construção de *clusters*, que resulta da conjugação das quatro questões apresentadas anteriormente na Tabela 1, resultou numa distribuição que se pode observar nas tabelas seguintes (cf. Tabelas 2 e 3). Pode-se dizer que existe alguma assimetria na distribuição dos casos pelas quatro categorias.

Dos 255 inquiridos, foram validados para este modelo 210 questionários. A exclusão de 45 casos fica a dever-se ao facto de existirem não respostas ou outros casos não-validados na resposta a alguma das quatro questões que presidem a esta construção.

Uma primeira abordagem aos *clusters* permite-nos constatar que os *clusters* 2 e 3 são os com maior proporção, com respetivamente 74 e 102 casos. O primeiro *cluster* integra 13 indivíduos e o quarto 21 inquiridos.

Tabela 2 - Composição dos clusters

	Nº casos	%	% válidos
1	13	5,1	6,2
2	74	29,0	35,2
3	102	40,0	48,6
4	21	8,2	10,0
Total	210	82,4	100,0
Não-válidos	45	17,6	
Total	255	100,0	

Fonte: Produção própria

Esta distribuição não deve ser adjectivada de “boa” ou “má” à partida, em face de ela representar uma construção analítica. Desta forma, pretende-se promover uma reflexão sobre as práticas e formas de gestão da presença nas redes sociais *online* dos inquiridos cabo-verdianos, tipificando-as.

A Tabela 3 apresenta as diferentes distribuições no que respeita às características sociais e demográficas. O género feminino revela-se maioritário nos maiores *clusters* (2 e 3) e ainda no quarto.

Tabela 3 – Caracterização social e demográfica dos clusters

		Clusters			
		1	2	3	4
Género	Feminino	30,80%	60,80%	54,50%	57,10%
	Masculino	69,20%	39,20%	45,50%	42,90%
Idade	18	15,40%	12,20%	6,90%	0,00%
	19	23,10%	32,40%	24,50%	38,10%
	20	23,10%	18,90%	27,50%	23,80%
	21	15,40%	24,30%	24,50%	19,00%
	22	23,10%	12,20%	16,70%	19,00%
Escolaridade do pai	Não sabem ler nem escrever	20,00%	1,80%	3,80%	5,90%
	1º ao 4º Ano	60,00%	42,10%	31,60%	11,80%
	5º ao 6º Ano	10,00%	12,30%	11,40%	35,30%
	7º ao 9º ano	0,00%	10,50%	12,70%	0,00%
	Ensino Secundário	0,00%	12,30%	10,10%	35,30%
	Ensino Médio ou Superior	10,00%	21,10%	30,40%	11,80%
Escolaridade da mãe	Não sabem ler nem escrever	16,70%	10,80%	5,50%	15,80%
	1º ao 4º Ano	58,30%	44,60%	26,40%	36,80%
	5º ao 6º Ano	8,30%	12,30%	15,40%	10,50%
	7º ao 9º ano	0,00%	6,20%	12,10%	0,00%
	Ensino Secundário	0,00%	13,80%	18,70%	10,50%
	Ensino Médio ou Superior	16,70%	12,30%	22,00%	26,30%
Ocupação do pai	Trabalhar	55,60%	77,30%	75,30%	63,20%
	Desempregado/a	33,30%	9,10%	10,10%	26,30%
	Reformado/a	11,10%	6,10%	6,70%	5,30%
	Nunca trabalhou	0,00%	0,00%	2,20%	0,00%
	Outra situação	0,00%	7,60%	5,60%	5,30%
Ocupação da mãe	Trabalhar	45,50%	52,10%	57,00%	55,00%
	Desempregado/a	36,40%	37,00%	25,00%	40,00%
	Reformado/a	0,00%	2,70%	3,00%	0,00%
	Nunca trabalhou	0,00%	2,70%	9,00%	0,00%
	Outra situação	18,20%	5,50%	6,00%	5,00%

Fonte: Produção própria

A dimensão das quatro categorias apresentadas é assimétrica, indo ao encontro da disseminada utilização de redes sociais *online* entre os jovens cabo-verdianos inquiridos.

Foqemo-nos na Tabela 4. O primeiro indicador visa quantificar a frequência de participação nas redes sociais. Os *clusters* 2 e 3 têm a frequência de uso mais elevada deste conjunto: 4,73 e 4,67, respetivamente. Já os *clusters* que têm menor frequência de uso (1 e 4) registam médias de 2,00 e 2,29, respetivamente.

Em termos analíticos, dir-se-á que no *cluster* 1 os inquiridos acedem às redes sociais *online* “menos de uma vez por mês”, ao passo que os integrantes do *cluster* dois fazem-no “todos os dias”. Os *clusters* 3 e 4 assumem comportamentos intermédios aos dois primeiros, sendo que o terceiro é, em termos médios, muito próximo do *cluster* 2 com 4,67, como referido, o que equivale ao acesso diário às redes sociais *online*.

A média da amostra cifra-se nos 4,29.

Tabela 4 – Médias dos *clusters* nas quatro variáveis

<i>Clusters</i>		Q12.2 Com que frequência: participo nas redes sociais	Q16 Tens perfil ou mais do que um perfil em alguma rede social	Q19 Definições de privacidade do teu perfil	Q21 Alteração das configurações de privacidade nas redes sociais
1	média	2,00	2,15	2,77	4,77
	n	13	13	13	13
2	média	4,73	2,19	2,74	4,84
	n	74	74	74	74
3	média	4,67	2,29	2,21	1,21
	n	102	102	102	102
4	média	2,29	2,24	2,43	1,33
	n	21	21	21	21
Total	média	4,29	2,24	2,45	2,72
	N	210	210	210	210

Fonte: Produção própria

4. Resultados

Sucintamente, podemos caracterizar os *clusters* nos seguintes termos:

o primeiro *cluster* reúne um pequeno número de inquiridos, num total de 13 casos. Estes indivíduos diferenciam-se dos demais por serem os que menos frequentam as redes sociais *online* (“menos de uma vez por mês”), os que têm apenas um perfil nessas redes, sendo o perfil “aberto” (toda a gente o pode ver), e nunca terem alterados as configurações de privacidade.

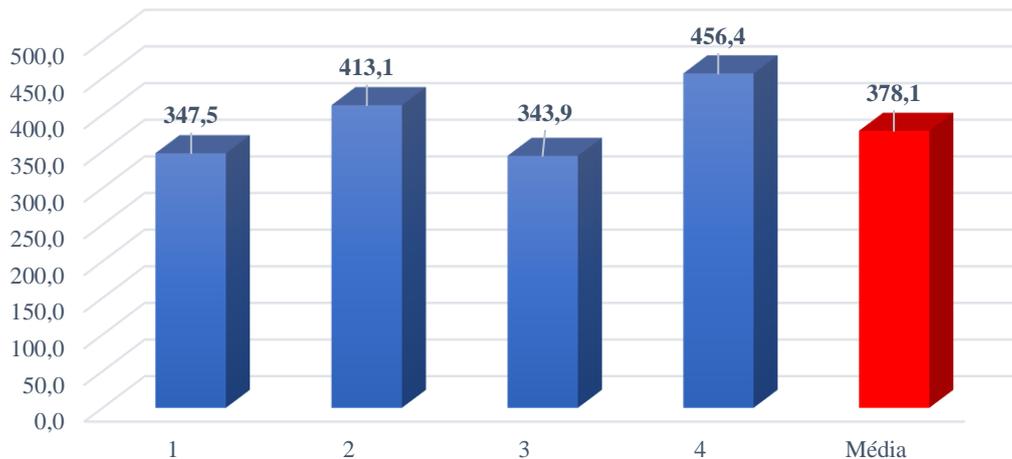
No segundo *cluster* estão agrupados 74 jovens cabo-verdianos que frequentam as redes sociais diariamente, têm um perfil nas redes sociais acessível a amigos e amigos dos amigos, e nunca mudaram as configurações de privacidade das suas contas em redes sociais *online*.

O *cluster* 3 agrupa 102 inquiridos que frequentam diariamente as redes sociais *online*, que têm pelo menos um perfil numa rede social, que afirmam ser parcialmente privado e que já mudaram as configurações de privacidade para restringir aos amigos a visibilidade.

Finalmente, o último *cluster* é aquele que não apresenta qualquer registo extremo, mas que, ainda assim, denota características distintivas relativamente aos demais. Este agrega 21 inquiridos que acedem às redes sociais menos de uma vez por mês, tendo um perfil, sendo que são os amigos e os amigos dos amigos aqueles que podem aceder à sua informação partilhada, com conteúdos acessíveis precisamente ao círculo mais restrito de amigos.

De certa forma, não deixa de ser surpreendente quando se consideram os dados relativos ao tempo disponibilizado diariamente na utilização de internet por cada uma das quatro categorias construídas. Desta forma, os membros do *cluster* 4 (cf. Figura 2) destacam-se dos demais por declararem passar aproximadamente 456 minutos diários na internet, o que equivale a pouco mais de sete horas e meia.

Figura 2 – Minutos diários de utilização da internet por *cluster*



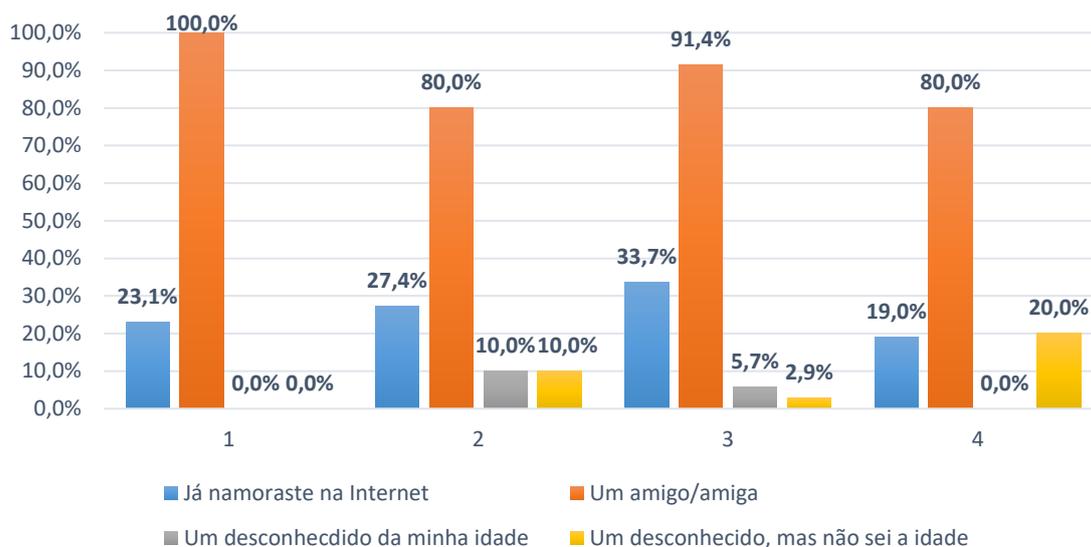
Fonte: Produção própria

Sendo o registo médio 378 minutos diários, podemos afirmar que existem duas categorias (3 e 1) com respetivamente 343,9 e 347,4 minutos diários abaixo do registo médio do total de inquiridos. Este diferencial de uso de internet representa aproximadamente duas horas a menos do que o registo da categoria 4.

Considerando a linha de corte das seis horas diárias de utilização de internet (360 minutos) como o limiar para aquilo que se designa como “utilizadores extremos”, podemos considerar que tanto o *cluster* 2 como o 4 representam este tipo de apropriação da internet, sendo os *clusters* 1 e 3 os que se ficam pela categoria de “utilizadores moderados”.

É na categoria 3 que encontramos aqueles que, com maior frequência, dizem já ter namorado *online*, com um registo a cifrar-se nos 33,7%. Embora se registem casos em todas as categorias, a larga maioria (91,4%) concentra-se no namoro *online* com amigo(a), tendência que é também refletida nos três restantes *clusters*. Aliás, os outros três *clusters* apresentam um diferencial de 8,4 p.p. entre os integrantes que declararam já ter namorado *online* (cf. Figura 3)

Figura 3 – Namorar na internet por *cluster*

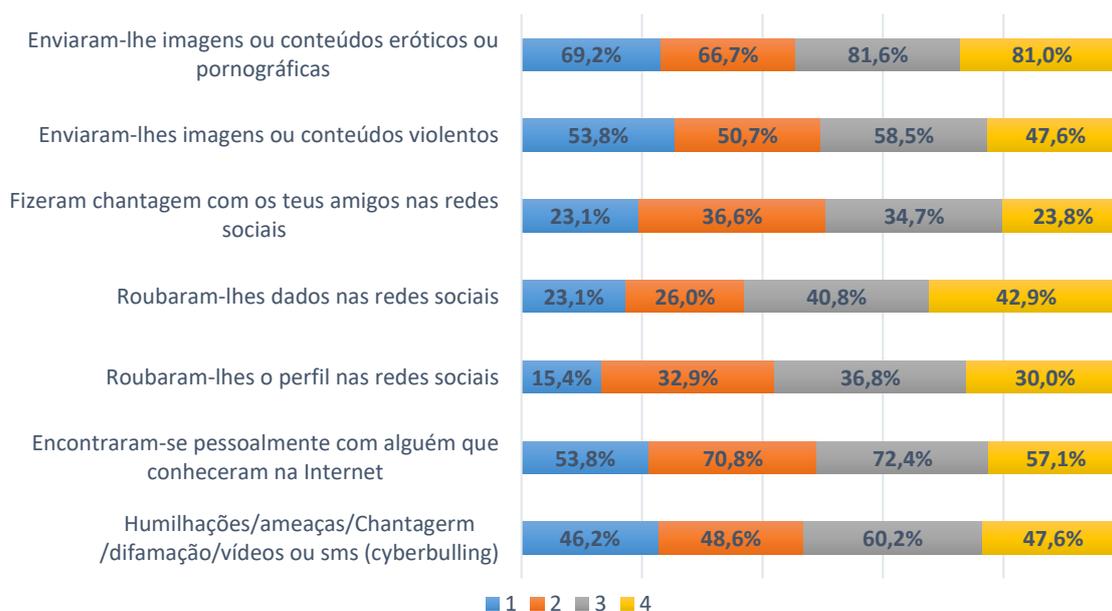


Fonte: Produção própria

A totalidade de inquiridos do *cluster 1* que admite já ter namorado *online* fê-lo exclusivamente com um(a) amigo(a), ao passo que no *cluster 4* os que afirmam que já o fizeram (19%) assumem tal prática com um(a) desconhecido(a) do qual não sabiam a idade (20%).

Relativamente a violência *online*, entre as quais se inclui o *cyberbullying* (cf. Figura 4), começámos por confrontar os inquiridos com um conjunto de sete situações que reconhecessem como tendo acontecido a amigos/familiares/colegas.

Figura 4 – Situações de violência *online* com amigos/familiares/colegas

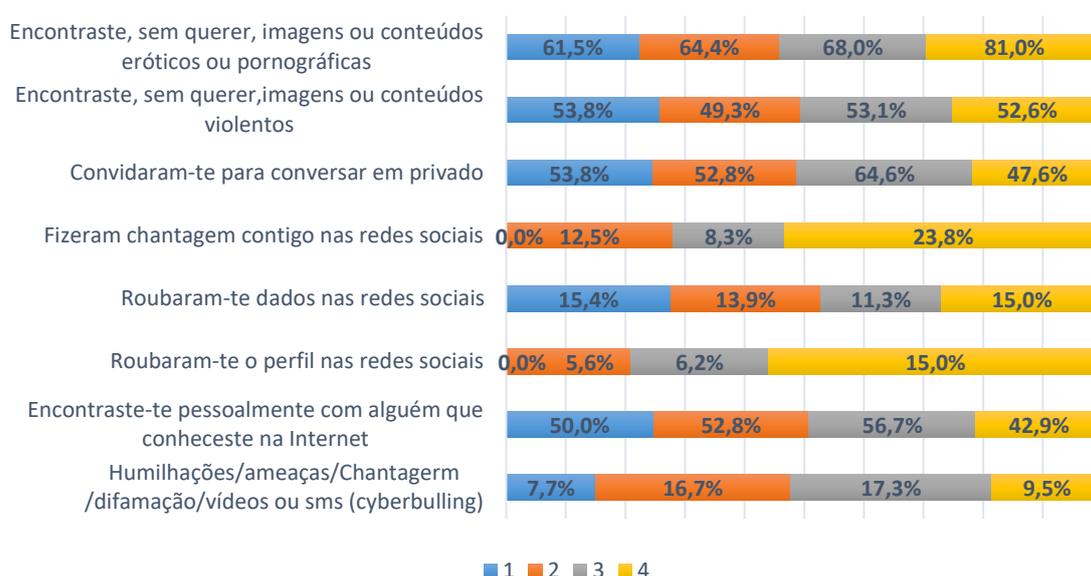


Fonte: Produção própria

Entre as mais frequentes, o destaque vai para o envio de conteúdos eróticos ou pornográficos, nas quatro categorias. A segunda situação mais frequente nos quatro *clusters* é o encontro com alguém que conheceram na internet. Entre as três situações mais frequentes encontra-se o envio de imagens ou conteúdos violentos. Uma nota para enfatizar o facto de o *cluster* 1 apresentar registos consistentemente abaixo dos restantes, em três situações relacionadas com as redes sociais *online*: *cyberbullying*, roubo de dados e roubo de perfis.

Como forma de operacionalizar a violência *online* e o *cyberbullying* na primeira pessoa, identificámos oito situações (cf. Figura 5), a partir das quais os inquiridos deveriam posicionar-se por já terem vivenciado (ou não) cada uma delas.

Figura 5 – Situações de violência *online* experienciadas



Fonte: Produção própria

Deste modo e de uma forma bastante genérica, diríamos que a situação mais recorrente entre os inquiridos das quatro categorias é o acesso involuntário a conteúdos eróticos ou pornográficos, destacando-se neste domínio o *cluster* 4, ao registar 81% dos seus integrantes. Também o contacto inadvertido com conteúdos violentos é declarado de forma consistente pelos membros dos diferentes *clusters*.

Um aspeto que merece um sublinhado especial é o facto de o *cluster* 3 apresentar um maior contacto com situações como “convites para conversas em privado” e “encontros com alguém que se conheceu na internet”. Finalmente, o *cluster* 1 destaca-se pela prevalência nula de situações como o *cyberbullying* e o roubo do perfil nas redes sociais *online*.

Olhemos, por fim, para as médias das situações de violência *online* por *clusters*.

Tabela 5 – Médias das situações de violência *online* por *clusters*

	1	2	3	4
Família/Amigos	40,7	47,5	55,0	47,1
Próprios	30,3	33,5	35,7	35,9
Diferenças	10,4	14,0	19,3	11,2
Médias	35,5	40,5	45,3	41,5

Fonte: Produção própria

Existe um conjunto de asserções a reter das tabelas 4 e 5. Em primeiro lugar, há uma perceção maior de violência experienciada por pessoas próximas dos inquiridos, comparativamente às suas próprias experiências da mesma natureza. Em segundo lugar, o *cluster* 3 é, claramente, aquele com maior conhecimento de casos de violência *online*; nos antípodas, está o *cluster* 1. Em terceiro lugar, as diferenças entre as experiências vividas na primeira pessoa e reportadas por pessoas próximas apresentam-se diferentes: se aquelas reportadas por amigos/as têm uma variabilidade maior, a variabilidade entre *clusters* relativamente às situações vividas pelos próprios é substancialmente menor; em quarto lugar, os dois *clusters* (3 e 4) que têm as configurações de privacidade mais restritivas de acesso são aqueles que declaram ter maior conhecimento de situações de violência *online* tanto com pessoas próximas, como experienciadas pelos próprios; no cômputo das duas médias, os grupos (*clusters* 3 e 4) que têm configurações mais restritivas de acesso ao seu perfil demonstram ter maior conhecimento de casos na primeira pessoa ou de terceiros de violência digital, comparativamente aos dois restantes *clusters* (1 e 2), que indiciam maior permissividade no acesso aos respetivos perfis nas redes sociais *online*.

5. Conclusão e discussão

A demonstração empírica produzida possibilitou a distinção de quatro diferentes perfis de utilizadores das redes sociais *online* entre os jovens inquiridos cabo-verdianos.

A categoria mais circunscrita em termos quantitativos é também aquela com menor presença nas redes sociais *online*, não tomando qualquer medida de forma a “filtrar” o acesso à sua informação. São uma minoria. São também aqueles que revelam menor contacto com diferentes situações de *cyberbullying*. Não se podendo afirmar que existe uma verdadeira e genuína apropriação destas plataformas por parte desta categoria, diríamos que estes são os “distantes digitais”.

Nos antípodas está a segunda categoria, agregando aqueles que acedem diariamente às redes sociais e em várias destas plataformas revelam não ter qualquer condicionalismo no acesso à informação exposta. Estes inquiridos apresentam maior proximidade e experiência com *cyberbullying*, embora não sejam eles os que revelam maiores níveis nestes indicadores. Podemos designá-los “nativos digitais livres”.

Partilhando a frequência diária das redes sociais *online* com a categoria anterior, o agregado 3 agrupa os inquiridos que têm uma postura mais defensiva, no que

diz respeito à partilha e exposição de informações nestas plataformas, tendo alterado as configurações de privacidade, limitando a potencial audiência a amigos. Não deixa de ser curioso que, sendo o conjunto de inquiridos que diz ter maiores preocupações com a privacidade nas redes sociais *online*, é aquele que declara maior experiência de situações de *cyberbullying*. Pela sua postura híbrida no espaço digital, chamar-lhe-íamos os “nativos digitais reticentes”.

O quatro *cluster* assume também uma posição intermédia no que respeita aos indicadores que operacionalizam a presença nas redes sociais. Em termos analíticos, dir-se-á que o acesso se faz menos de uma vez por dia e se conjugam práticas de controlo da visibilidade ao alterarem as configurações de privacidade, mas também restringindo quem vê as suas informações. Diríamos estar perante um nível intermédio de experiências com *cyberbullying*. A esta postura chamar-lhe-íamos os “distantes precavidos”.

Indo ao encontro das nossas perguntas e hipóteses de investigação estamos em posição de demonstrar que, de facto, existe a nível amostral uma tendência para os “nativos digitais livres” e os “nativos digitais reticentes” apresentarem maior contacto com experiências de *cyberbullying*, seja por via de amigos/familiares/colegas (P1-H1), seja vivida pelos próprios (P2-H2).

Confirmou-se a hipótese (P3-H3) de que existe uma associação entre um tipo de gestão das redes sociais mais restritiva e a proximidade a fenómenos de *cyberbullying*, sejam vividos pelos próprios ou por terceira pessoa. A evidência produzida indicia que os jovens universitários cabo-verdianos são impelidos a restringir a sua visibilidade em resultado da perceção de maior vulnerabilidade.

Bibliografia

Aizenkot, D. (2020). Cyberbullying experiences in classmates' WhatsApp discourse, across public and private contexts. *Children and Youth Services Review*, 110, 104814. [doi:10.1016/j.childyouth.2020.104814](https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2020.104814)

Ansary, N. S. (2020). Cyberbullying: Concepts, theories, and correlates informing evidence-based best practices for prevention. *Aggression and Violent Behavior*, 50, 101343. [doi:10.1016/j.avb.2019.101343](https://doi.org/10.1016/j.avb.2019.101343)

António, R. (2020). Maioria dos estudantes foi vítima de cyberbullying durante a pandemia. Lisboa: Iscte-IUL. Acessível em: <https://www.iscte-iul.pt/noticias/1706/maioria-estudantes-vitima-de-cyberbullying-durante-pandemia>

Bai, Q., Bai, S., Huang, Y., Hsueh, F. H., & Wang, P. (2020). Family incivility and cyberbullying in adolescence: A moderated *mediation* model. *Computers in Human Behavior*, 110. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2020.106315>

Balakrishnan, V., Khan, S., & Arabnia, H. R. (2020). Improving cyberbullying detection using Twitter users' psychological features and machine learning. *Computers and Security*, 90. <https://doi.org/10.1016/j.cose.2019.101710>

Barrense-Dias, Y., Berchtold, A., Surís, J. C., & Akre, C. (2017, November 1). Sexting and the Definition Issue. *Journal of Adolescent Health*. Elsevier USA. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2017.05.009>

Belsey, B. Retrieved from, www.cyberbullying.ca, 2004, <http://www.cyberbullying.ca/>.

Chen, L., Ho, S. S., & Lwin, M. O. (2017). A meta-analysis of factors predicting cyberbullying perpetration and victimization: From the social cognitive and *media* effects approach. *New Media and Society*, 19(8), 1194–1213. <https://doi.org/10.1177/1461444816634037>

Cho, S., Lee, H., Peguero, A. A., & Park, S. (2019). Social-ecological correlates of cyberbullying victimization and perpetration among African American youth: Negative binomial and zero-inflated negative binomial analyses. *Children and Youth Services Review*, 101, 50-60. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2019.03.044>

Choi, K. S., Cho, S., & Lee, J. R. (2019). Impacts of *online* risky behaviors and cybersecurity management on cyberbullying and traditional bullying victimization among Korean youth: Application of cyber-routine activities theory with latent class analysis. *Computers in Human Behavior*, 100, 1–10. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2019.06.007>

Chung, T. W. H., Sum, S. M. Y., & Chan, M. W. L. (2019). Adolescent Internet Addiction in Hong Kong: Prevalence, Psychosocial Correlates, and Prevention. *Journal of Adolescent Health*. Elsevier USA. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2018.12.016>

Clark, M., & Bussey, K. (2020). The role of self-efficacy in defending cyberbullying victims. *Computers in Human Behavior*, 109. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2020.106340>

Coelho, V. A., & Romão, A. M. (2018). The relation between social anxiety, social withdrawal and (cyber)bullying roles: A multilevel analysis. *Computers in Human Behavior*, 86, 218–226. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.04.048>

Dennehy, R., Meaney, S., Walsh, K. A., Sinnott, C., Cronin, M., & Arensman, E. (2020). Young people's conceptualizations of the nature of cyberbullying: A systematic review and synthesis of qualitative research. *Aggression and Violent Behavior*, 51, 101379. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2020.101379>

Kwan, GCE, & Skoric, MM (2013). Bullying no Facebook: uma extensão das batalhas na escola. *Computers in Human Behavior*, 29 (1), 16-25. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2012.07.014>

Lee, S., & Chun, J. S. (2020). Conceptualizing the impacts of cyberbullying victimization among Korean male adolescents. *Children and Youth Services Review*, 117. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2020.105275>

Livazović, G., & Ham, E. (2019). Cyberbullying and emotional distress in adolescents: the importance of family, peers and school. *Heliyon*, 5(6). <https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2019.e01992>

Macaulay, P. J., Betts, L. R., Stiller, J., & Kellezi, B. (2018). Perceptions and responses towards cyberbullying: A systematic review of teachers in the education system. *Aggression and Violent Behavior*, 43, 1-12. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.08.004>

Marín-López, I., Zych, I., Ortega-Ruiz, R., Hunter, S. C., & Llorent, V. J. (2020). Relations among *online* emotional content use, social and emotional competencies and cyberbullying. *Children and Youth Services Review*, 108. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2019.104647>

Matos, A. P. M., Vieira, C. C., Amado, J., Pessoa, T., & Martins, M. J. D. (2018). Cyberbullying in Portuguese Schools: Prevalence and Characteristics. *Journal of School Violence*, 17(1), 123–137. <https://doi.org/10.1080/15388220.2016.1263796>

Morales Ramírez, A., Zacatenco Cruz, J. D., Luna Luna, M., García Lozano, R. Z., & Hidalgo Cortés, C. (2020). Acceso y actitud del uso de Internet entre jóvenes de educación universitaria. *Revista Digital de Investigación En Docencia Universitaria*, 14(1), 20–29. <https://doi.org/10.19083/ridu.2020.1174>

Ndyave, Z. C., & Kyobe, M. (2019). Mobile Bully-victim Behaviour on Facebook: The case of South African Students. In *2019 IEEE 10th Annual Information Technology, Electronics and Mobile Communication Conference, IEMCON 2019* (pp. 743–749). Institute of Electrical and Electronics Engineers Inc. <https://doi.org/10.1109/IEMCON.2019.8936272>

Pereira, S., Ponte, C., & Elias, N. (2020). Children, youth and *media*: Current perspectives. *Comunicacao e Sociedade*, 37, 9–18. [https://doi.org/10.17231/comsoc.37\(2020\).2687](https://doi.org/10.17231/comsoc.37(2020).2687)

Redmond, P., Lock, J. V., & Smart, V. (2020). Developing a cyberbullying conceptual framework for educators. *Technology in Society*, 60. <https://doi.org/10.1016/j.techsoc.2019.101223>

Rey, R. D., Ojeda, M., Casas, J. A., Mora-Merchán, J. A., & Elipe, P. (2019). Sexting among adolescents: The emotional impact and influence of the need for popularity. *Frontiers in Psychology*, 10(AUG). <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.01828>

Ricciardelli, L. A., Nackerud, L., Quinn, A. E., Sewell, M., & Casiano, B. (2020). Social *media* use, attitudes, and knowledge among social work students: Ethical implications for the social work profession. *Social Sciences & Humanities Open*, 2(1), 100008. <https://doi.org/10.1016/j.ssaho.2019.100008>

Sarmiento, A., Herrera-López, M., & Zych, I. (2019). Is cyberbullying a group process? *Online* and offline bystanders of cyberbullying act as defenders,

reinforcers and outsiders. *Computers in Human Behavior*, 99, 328-334. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2019.05.037>

Sobba, K. N., Paez, R. A., & ten Bensele, T. (2017). Perceptions of Cyberbullying: An Assessment of Perceived Severity among College Students. *TechTrends*, 61(6), 570–579. <https://doi.org/10.1007/s11528-017-0186-0>

Symons, K., Ponnet, K., Walrave, M., & Heirman, W. (2018). Sexting scripts in adolescent relationships: Is sexting becoming the norm? *New Media and Society*, 20(10), 3836–3857. <https://doi.org/10.1177/1461444818761869>

Talukder, S., & Carbanar, B. (2017). Quando um amigo se torna abusador: Evidência de abuso de amigo no Facebook. In *WebSci 2017 - Proceedings of the 2017 ACM Web Science Conference* (pp. 421–422). Association for Computing Machinery, Inc. <https://doi.org/10.1145/3091478.3098869>

Throuvala, M. A., Griffiths, M. D., Rennoldson, M., & Kuss, D. J. (2019). Motivational processes and dysfunctional mechanisms of social media use among adolescents: A qualitative focus group study. *Computers in Human Behavior*, 93, 164–175. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.12.012>

Tokunaga, R. S. (2010). Following you home from school: A critical review and synthesis of research on cyberbullying victimization. *Computers in Human Behavior*. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2009.11.014>

van den Eijnden, R. J. J. M., Lemmens, J. S., & Valkenburg, P. M. (2016). The Social Media Disorder Scale. *Computers in Human Behavior*, 61, 478–487. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.03.038>

Van Ouytsel, J., Lu, Y., Ponnet, K., Walrave, M., & Temple, J. R. (2019). Longitudinal associations between sexting, cyberbullying, and bullying among adolescents: Cross-lagged panel analysis. *Journal of Adolescence*, 73, 36–41. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2019.03.008>

Wilson, R. E., Gosling, S. D., & Graham, L. T. (2012). A Review of Facebook Research in the Social Sciences. *Perspectives on Psychological Science*, 7(3), 203–220. <https://doi.org/10.1177/1745691612442904>

Yoon, Y., Lee, J. O., Cho, J., Bello, M. S., Khoddam, R., Riggs, N. R., & Leventhal, A. M. (2019). Association of Cyberbullying Involvement With Subsequent Substance Use Among Adolescents. *Journal of Adolescent Health*, 65(5), 613–620. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2019.05.006>